

ENRABANDO O CAPETINHA OU O DIA EM QUE EROS SE FODEU¹

FUCKING THE CAPETINHA OR THE DAY EROS FUCKED UP

Waldo Motta*

S abemos quão peralta é aquele moleque chamado Eros ou Cupido, filho da artimanhosa e bela Afrodite ou Vênus. Tecelões de enganos, ambos são responsáveis pelos nossos mais lindos e jamais realizados sonhos de amor e comunhão afetiva, de entendimento geral e fraternidade. Trapaceiros, fazem gênero. Quando deveria ser o contrário. Como também regem as manifestações artísticas, a beleza, a sedução, os desejos, invoco-os aqui, o filho da mãe e a dita cuja, para que, em nome do amor e da justiça, da beleza e da verdade, corrijam os erros e equívocos de todas as vítimas de suas seduções, e para que, afinal, tenham juízo e deixem de velhacarias e rasguem os véus das

¹ MOTTA, Valdo. *Enrabando o capetinha ou O dia em que Eros se fodeu* (palestra proferida em 27.10.1999, na mesa-redonda Poesia: Eros e gêneros, do II Seminário de Poesia: POESIA HOJE, na Universidade Federal Fluminense). Versão corrigida e aumentada do texto publicado em: *Mais poesia hoje*. Organização: Celia Pedrosa. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000. p. 59-76.

* Poeta (Boa Esperança, ES, 27/10/1959), autor de *Pano rasgado* (1979), *Os anjos proscritos e outros poemas* (em parceria com Wilbett Oliveira, 1980), *O signo na pele* (1981), *Obras de arteiro* (1982), *As peripécias do coração* (1982), *De saco cheio* (1983) e *Salário da loucura* (1984), *Eis o homem* (Ufes, 1987), *Poiezen* (Ufes/Massao Ohno, 1990), *Bundo e outros poemas* (Edunicamp, 1996), *Transpaixão* (Kabungo, 1999), *Recanto: poema das 7 letras* (Imã, 2002), *Terra sem mal* (Patuá, 2015) e *Proezas de Jeowalda* (Kabungo/Cousa, 2024).

enganações. Empíreos, olimpos, panteões, temeí e tremeí. Este é o tempo do Julgamento.

No prefácio do meu livro *Bundo e outros poemas*, publicado em 96 pela editora da Unicamp, informo que, a partir da metade dos anos 80, passei a questionar seriamente a homossexualidade e a sexualidade em geral, iniciando uma reviravolta em minha vida e em minha visão de mundo. Já fazia uma poesia desbocada e atrevida, rasgando véus e desfraldando bandeiras. Mas, fugindo do mero escracho, passei a estudar e a refletir sobre tudo o que a cultura pudesse dizer sobre as minhas opções afetivas, eróticas, sexuais, e sobre as desencontradas e conflitivas relações entre os sexos. *Bundo e outros poemas* é dividido em duas partes: a primeira, com poemas de *Bundo*, e a outra com poemas de *Waw*, um livro que ainda não teve edição solo. Com poemas escritos entre 82 e 91, *Waw* significa travessia, passagem, ponte; é o nome da 6ª letra do alfabeto hebraico e designa o anzol, o gancho ou colchete, além da conjunção aditiva e. Ligação, liame, laço, amor, sexo, erotismo, tudo isso está contido no simbolismo do número 6. Contudo, ironicamente, *Waw* registra o fracasso da busca e da união amorosa; propõe uma fraternidade inviável, um projeto de amor e convivência irrealizável. Qualquer busca de consolação exterior, no outro, está condenada ao fracasso, à insatisfação e ao rancor. Em *Waw*, descrevo a difícil superação ou travessia do mar terrível, da selva selvagem, da noite escura do amor, das paixões, das crenças e atitudes ingênuas. Saindo desse inferno, avistei as estrelas. Porém, a saída é para dentro, conforme descobri. Esse retorno ao princípio interior, através do erotismo sagrado, será a obsessão do monotemático e tautológico *Bundo*, escrito entre 90 e 95. Todo esse trajeto poético é retrospectivamente percorrido na recentíssima coletânea *Transpaixão* (edições Kabungo, 1999).

Lendo e meditando sobre a plenipotenciária energia kundalini, fiquei perplexo e maravilhado, imaginando que enfim encontrara o tão desejado caminho para a grande viagem do autoconhecimento. E logo, pela graça da providência divina, fiquei sabendo que o conhecimento, em contexto bíblico, tem conotações

eróticas, sensoriais. Pensei, então: isso é o verdadeiro autoconhecimento; isso é que é gnose. E aprendi que o corpo é o templo do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e de todos os deuses, sendo a própria sede do reino dos céus. Assim percebi o quanto certas religiões escondem para impedir a experiência direta e total com o Deus vivo. Algumas noções de língua hebraica e de numerologia, outras de Cabala e de mitologia, além do constante estudo dos símbolos, me permitiram ler e entender muitas das passagens misteriosas e incompreensíveis da Bíblia.

Já no segundo ano da década de 90, as minhas pesquisas chegaram a um nível satisfatório. Desde então, quanto mais leio e investigo, mais confirmo e amplio as minhas descobertas, parcialmente reveladas no livro *Bundo*. Esse livro é deliberadamente “inspirado” no “livro dos inspirados”. As referências ocorrem em vários poemas; como na Bíblia, há diversas alusões às mãos, cheias de dedos, que se dirigem a Deus, no mesmo lugar sagrado de tantos nomes: monte, rochedo, colina, outeiro etc. Citando os capítulos 11 e 54, de Isaías, mais referências astrológicas, eis, como exemplo, o que digo neste poema: “Entro no/ antro do escorpião./ Sou o esposo da virgem/ e o par da mãe estéril/ – a mãe de sete filhos./ Brinco no fojo do dragão/ e no forno serpentino/ meto a mão./ Falanges, falanginhas, falangetas,/ aios do Senhor dos Exércitos”. Noutro poema, citando os capítulos 2 e 11, de Isaías, assim descrevo o ritual da justiça divina: “Ó mãos abençoadas, que sondais/ os montes gêmeos;/ falanges sagradas, que recreais/ na toca da serpente” etc.

Mas nem só de inspiração bíblica se nutre a minha poética. Por exemplo, a expressão “montes gêmeos”, apesar de encontrável em Zacarias 6:1, foi inspirada no *Dicionário de símbolos*, de Juan-Eduardo Cirlot, verbete montanha. Tempos depois, lendo *A epopéia de Gilgamesh*, vi que esse herói, em sua busca da imortalidade, deve transpor certa montanha de cumes gêmeos, a montanha Mashu, guardada pelo homem-escorpião. Em astrologia, associa-se o signo de Escorpião ao ânus. Outro exemplo da variedade de fontes inspiradoras de minha visão de mundo e de minha poética atual é o poema Descobrimientos, onde,

abusando das sinédoques, aproximo diferentes concepções do centro sagrado ou paradisíaco, nivelando assim as numerosas visões dessas plagas míticas, fabulosas, que remetem sempre ao mesmíssimo lugar: “Eldorados, thules, surgas, agarthas/ cimérias, hespérias, pasárgadas, cólquidas/ xangrilás, cocanhas, saléns, guanániras,/ reinos miríficos, mundos arcanos,/ céus interditos” etc.

Entretanto, é um equívoco pensar, como o fez Fábio de Souza Andrade, na crítica *Gozo místico*, publicada no caderno *Mais!*, da *Folha de São Paulo*, que a minha poesia seja igualmente atraída pelos pólos da religião e da sexualidade e que revele um embate de sublime com escracho, de paganismo e epicurismo com tradição judaico-cristã etc. Nada mais falso: religião e sexualidade não polarizam meus temas; e nem se pode chamar de sexualidade a modalidade de prazer que os meus poemas celebram. Erotismo seria um termo mais adequado. E como religião e erotismo em minha poesia sejam a mesma coisa, resolvi chamá-lo de erotismo sagrado. Esse erotismo nada tem a ver com as relações sexuais ou com qualquer polarização esquizóide do sexo, pois a diferenciação sexual representa o início de todas as divisões, desigualdades e antagonismos, conforme esclareço em réplica inédita. Vagner Camilo, na revista *Imagens*, acertou ao dizer que a “aproximação entre gozo físico e êxtase místico não é, em absoluto, algo novo, mas em *Bundo*, mais do que aproximação, o que temos é a completa identificação entre um e outro.”

Alguns, como Jung, pensam que o impulso sexual tem implicações espirituais ou místicas. Sim, e daí? Tudo tem implicações espirituais. Assim na Terra como no Céu, cada um tem o Céu que imagina, porque o reino espiritual é o reino da imaginação poética e das abstrações estéticas, é o altiplano das recreações lingüísticas, enfim o reino das projeções mentais pessoais e coletivas. É a logosfera, como diria Zeca Perim. Harold Bloom, em seu livro *Cabala e crítica*, afirma que a Cabala é uma espécie de teologia erótica ou misticismo sexual; estando intrinsecamente ligada à Bíblia, acredito que seja uma teologia homoerótica, conforme os poemas e as chaves de leitura bíblica contidos em

Bundo o demonstram. Ora, nem sempre o espiritual ou místico é o mesmo que religioso e sagrado, na acepção radical destas palavras. Visto que o sexo implica em divisão, separação, diferenciação e desigualdade, penso que o impulso sexual jamais poderia ter um sentido religioso, isto é, de comunhão e integração com o sagrado, pois o sagrado confina com o segregado, ou posto à parte, o especial, o anormal, o incomum, o extraordinário. Por outro lado, o contato e o trato religioso com o sagrado implicam em erotismo: alegrar as entranhas com prazer.

De qualquer modo, estou certo de que o erotismo anal, em certas circunstâncias, seria o ponto alto de um culto mágico e libertário. Não sendo o ânus um órgão sexual, nem sendo elemento anatômico diferenciador dos gêneros sexuais, pois todos têm cu, e pelas costas todos são iguais, para mim, o erotismo anal não pode ser considerado como ato sexual, mas é indiscutivelmente um ato erótico, sendo, além disso, e antes de tudo, um ato religioso, visto que o religare pode ser entendido como ligar pela ré, por detrás, pelas costas. E não podendo ser considerado um ato sexual, e sendo um ato religioso, seria mais adequado chamá-lo de erotismo sagrado. Adoremos, pois, a Deus em seus tabernáculos vivos, alegrando as nossas entranhas.

Considerando, ainda, que o sexo implica em diferenciação, separação, divisão; que pecar significa errar o caminho, o alvo, o rumo; e que religião/religare, também significa ligar pela ré, isto é, pelo traseiro, entendo que somente o erotismo anal, através do coito ou da masturbação, pode ser definido propriamente como casamento sagrado, um casamento em que se desposa toda a família divina ao mesmo tempo: o Pai, o Filho e o Espírito Santo, amém. Em Êxodo, 33:23, o Senhor diz a Moisés: Pelas costas me contemplarás/olharás/adorarás. No verbo que utiliza, "RAYTha", notei que está contida a palavra fezes ou excremento, RAY, cujas três letras ReYSh, ÁLePh, YÓD, ocorrem abundantemente no contexto, estando inclusive na própria expressão "costas" ou "traseiro" ou "minhas costas" ou "meu traseiro", ACh'ORaY. Em respeito ao conselho do Senhor ("pelas costas me verás..."), o diagrama da manifestação divina, concebido e chamado árvore sefirótica pelos

cabalistas, é desenhado sobre a figura de um homem de costas. Esse diagrama é um mapa do Universo, e nos ensina, entre outras coisas, que a exterioridade do vasto mundo só nos revela o dorso de Deus, sendo a face divina ou sagrada outro mundo, oculto na interioridade de todos os seres e coisas.

É a salvação do corpo e da alma o que mais importa ao poeta, como já disse a João Silvério Trevisan, e como Iumna Maria Simon também observou. Porém, em minha poesia, alma e corpo ou espírito e carne ou energia e matéria ou isto e aquilo não são antípodas nem adversários; são gradações, expressões e máscaras do mesmo ser e da mesma realidade. Explorando afinidades e semelhanças entre símbolos ou metáforas do sagrado no imaginário religioso, na mitologia e na cultura de povos diversos, meu pensamento é analógico, e, através de uma rigorosa matemática simbólica, quer provar que $A=B=C=D$, e assim sucessivamente. Engana-se quem acha que oscilo entre religião e sexualidade, chulo e sagrado, alto e baixo etc. No excelente ensaio *Revelação e desencanto*, publicado na revista *Praga*, Iumna constata que evito as polarizações, mas depois se contradiz ao ver discrepâncias exasperantes entre alto e baixo, chulo e sagrado, e assim, restrita a uma visão dialética, macaqueia o senso comum. Ora, não é difícil perceber em minha poesia que o nefando é a expressão do inefável, e que o nobre e agradável para Deus é o reles e execrável para a visão mundana etc. Aliás, o *Dicionário escolar latino-português*, organizado por Ernesto Faria (MEC, 1962), registra que, em se tratando de pessoas e coisas, o sagrado é o desprezível, maldito, abominável, infame etc. E assim, o fraco e o humilde, o ordinário e o vil é que têm precedência espiritual e a preferência divina. Ver discrepâncias exasperantes entre opostos em minha poesia é como encontrar chifre em cabeça de cavalo. Ora, não sou dialético, e sim paradoxal. E paradoxal define aquilo que é contra o senso comum. E sendo paradoxal, paradoxalmente demonstro que na fraqueza podemos encontrar a força, e na baixeza a majestade etc. Esta é umas das idéias que fundamentam o meu pensamento e a minha visão de mundo.

Não li todos os livros, mas já sei que a carne não é triste; triste e doente é a alma ou espírito que despreza o corpo e desdenha a matéria. Os corpos se entendem, mas as almas, não. Da cintura para baixo, e pelas costas, todos somos semelhantes, irmãos. É por aí que chegaremos ao entendimento geral, à fraternidade e à paz. Sou um fanático, extremista, definitivamente radicado na radicalidade do centro absoluto de todos os rabos, principalmente o meu. Porque eu vejo “NO CU/ DE EXU/ A LUZ”. Este é o século do Juízo, e do riso final e sem fim dos que riem por último. E os últimos serão os primeiros. É possível falar sério com humor, e assim mudar a vida e o mundo. Porém, no poema Gesta da peste que ronda, advirto: “Serei sempre mais/ que um arlequim”. Eis o tempo do Juízo. De muito juízo e siso. E muito riso também. O sagrado é cômico e risível, porque soa e parece ridículo aos olhos e ouvidos em geral, destoando do que o senso comum julga correto é bom. “Meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos”, diz Isaías 55:8. Lembrando Eliot, Nostradamus e os catastrofistas, quero dizer que o mundo acaba, sim, com um estrondo – de gargalhadas, e com suspiros e gemidos – de alegria e prazer. O fim do mundo de que tanto se fala é um fim de natureza espiritual; é a falência geral de pensamentos e idéias, e principalmente de conceitos errôneos sobre o sagrado, o religioso e o espiritual.

Penso que o espiritual não tem existência autônoma, independente da matéria, porém é uma essência ou substância material. Digamos que o espírito é energia, uma propriedade, um estágio sutil, rarefeito da matéria. Espiritual é o reino das palavras, dos conceitos, das idéias, dos pensamentos, das imagens, dos símbolos, das metáforas, dos números etc. Enfim, o mundo da linguagem. No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Espiritual é o reino da poesia e da imaginação ou sensibilidade poética. Porque sem poesia nenhuma religião existe. Ninguém verá a beleza de Deus e de seu reino maravilhoso se não tiver imaginação poética.

Sobre as relações entre espírito e matéria, quero lembrar também a adamantina lição da Tábua de Esmeralda: o sutil vem do espesso, e deste sobe, depois desce;

isto é, da Terra para o céu a essência da matéria sobe, e retorna para a Terra etc. Isso é confirmado por várias passagens bíblicas. Vejam só (em Números 10:35,36) o que diz Moisés ao Senhor: “Levanta-te, Senhor, e dissipados sejam os teus inimigos, e fujam” etc. E a nuvem sobe. “Volta, ó Senhor, para os muitos milhares de Israel”. E a nuvem desce. Reparem bem como fala, imperativamente, subentendendo uma operação mágica em cada partida e parada da arca da aliança em marcha. Outras passagens bíblicas mostram cenas semelhantes: “levanta, Senhor”, “acorda, Senhor”, “desperta, Senhor” etc. Tudo isso indica que o espírito vem de dentro, das entranhas do corpo, da carne, da Terra, da matéria. Embora não afirmasse que as representações simbólicas da linguagem religiosa se reduzem a fundamentos estritamente biológicos, Jung chegou à conclusão de que os arquétipos são formas do instinto humano (vide *Aion – Estudos sobre o simbolismo do si mesmo*). Sua discípula Marie-Louise von Franz, no livro *Reflexos da alma*, afirma que, a rigor, “não existe uma idéia científica essencial que não seja, em última análise, fundamentada por uma forma primordial arquetípica”. Citando o seu mestre, lembra que “o paralelismo entre as especulações teológicas e os modelos lógicos da Física indica, no fundo, que eles se apóiam nos mesmos fundamentos arquetípicos sobre os quais se baseia naturalmente também a própria psicologia junguiana”.

Infelizmente, parece que Jung não levava tão a sério assim a sua propalada consideração pelo sagrado. No livro *Falo – A sagrada imagem do masculino*, de Eugene Monick, lê-se que Jung, em sua infância, teve um sonho que o preocupou e incomodou durante toda a vida, e tanto que ele evitou o assunto em sua obra. A qual, por isso, pode ser entendida como uma espécie de luta e defesa contra o sagrado, identificado com o monstruoso bicho-papão. No sonho, entra num buraco na Terra, e ali depara com uma espécie de templo ou recinto sagrado, tendo, ao centro, um trono, perto do qual encontra-se um ser de grande estatura, roliço, grosso, que Jung só reconhece muito tarde, décadas depois. Aparece-lhe, no sonho, a voz da mãe, dizendo: “Sim, olhe para ele. Este é o devorador de gente”. E somente aos oitenta e poucos anos, isto é, no final da vida, Jung confessa, em seu livro *Memórias, Sonhos e Reflexões*, que o bicho-papão, o

terrível comedor de gente, é um Caralho sagrado. Tão grande foi o pavor sentido que o sonhador achou imprudente nomear tal divindade, e, pior ainda, resolveu omitir-se e calar-se a respeito do assunto, que ocupa ínfimo e desprezível lugar em sua obra. O Caralhão tinha um olho na glândula. E a mãe lhe dizia: "Sim, olhe para ele". Para mim, olhá-lo seria estar olho a olho com ele, o olho alteroso de sua alteza cravado no olho de baixo de nossa baixeza. Entretanto, Jung passou a vida inteira evitando encarar a realidade, fazendo vista grossa para a verdade. Penso que isso se deve ao medo de ser comido, enrabado. E toda a psicologia junguiana, embora pareça o contrário, é uma fuga e uma negação do sagrado.

Esse caralho não é apenas um emblema da masculinidade, mas é, sobretudo, e antes de qualquer outra coisa, uma representação do eixo cósmico, que corresponde à coluna vertebral. Esse buraco na terra simboliza o ânus, e a presença do Caralho divino em seu interior só pode significar que esse é o lugar onde se revela a divindade do falo, isto é, onde o caralho se transforma em Deus. O falo é também um símbolo do espírito, mas talvez não seja exatamente este o motivo que levou e leva tantos povos a venerá-lo sob a forma de colunas, obeliscos e memoriais. Em hebraico, EL significa Deus, majestade, árvore, coluna, pilar, pilastra, poste ritual, termos que evocam a idéia de ascensão e verticalidade, assim como o falo. O sonho de Jung é semelhante ao de Jacó, que sonhou com uma escada que unia a Terra ao Céu, e pela qual subiam e desciam os anjos de Deus, isto é, as almas, ou melhor, os seres vivos, porque todos os seres e coisas que existem falam do Criador, sendo portanto seus mensageiros ou anjos.

Ao contrário do que supõem a razão e o bom senso, parece que os deuses são uns invertidos, pervertidos e gozadores. No outro mundo em que vivem, tudo é o contrário, o oposto, o avesso do que se pensa. E o mais interessante é que esse outro mundo é aqui mesmo. Como disse o Senhor a Moisés: pelas costas me contemplarás. Digo o mesmo, sempre, *urbi et orbe*, como neste poema: "Tudo em riba do penedo/ tudo em cima do morrão./ Todo mundo atrás de Deus/ Deus atrás de todo mundo./ Deus fiel e bão, que atija/ o fogo da vida em nosso

rabo". Assim é que o reino dos céus (ShaMaYM) está no meio de nós, no centro, no âmago de nossas entranhas, naquele lugar terrível, pavoroso (ShaMaH), do qual se evita falar o nome (HaSheM), por ser infame e feio para muitos. Aqui é o centro secreto do fogo, do calor, do sol (ShaMaSh). Desse outro mundo aqui mesmo, oculto na baixeza de nossas vergonhas, é que viemos. Em tradução de João Ferreira de Almeida, edição revista e corrigida (Sociedade Bíblica do Brasil, 1969), informa a Bíblia que Salomão veio do lombo de Davi (I Reis 8:19) e até o próprio Jesus Cristo (Atos 2:30), pois o Senhor Deus Todo-Poderoso garantira a Jacó que muitos reis procederiam do seu lombo (Gênesis 35:11). Quando Jacó e seus descendentes seguiram para o Egito, setenta almas já haviam saído do seu lombo (Êxodo 1:5). Se você acha tudo isso absurdo, leia atentamente o Salmo 139:14,15, observando que "as profundezas da terra" aludem às entranhas do corpo, e não do planeta. É ali, naquele lugar pavoroso, que surgimos, e brotamos, e somos plasmados, esculpidos; é ali que principia a formação do corpo, exatamente no ponto que corresponde à cauda ou rabo dos animais, e ao nosso cóccix, como já foi comprovado pela ciência, e pode ser constatado em fotografias de embriões. Sintetizo tudo isso neste poema: "Claro, claro:/ é pelo talo/ que começa/ o fruto./ A vida/ medra/ do rabo".

A quantos estranhe o materialismo baixo de minha poesia, inspirada sobretudo na Bíblia, lembro o padre Matos Soares, que só vim a conhecer após a formulação pública de minhas idéias. No intróito de sua tradução da Bíblia (Paulinas, 1978), o pe. Soares afirma ser o "estilo hebraico, ao mesmo tempo, imaginoso e concreto; exprime-se com metáforas ousadas e imagens exuberantes, apresentando as coisas espirituais com termos realistas capazes de chocar nossos costumes e gostos mais refinados". Pelo que diz o padre, o autor javista (para o qual Deus é Javé, ao contrário do Eloísta, que o chama de Eloim) tem um estilo "abundante e minucioso", é "condescendente e popular" e "não evita os mais chocantes antropomorfismos". Entretanto, os tradutores católicos parece que evitam traduzir as passagens chocantes ou abusam de eufemismos e perífrases; nisso, os protestantes são mais ousados.

Reparem, a seguir, como as alturas e as profundezas, píncaro e bátratro se correspondem e equivalem. A 20ª letra do alfabeto hebraico, ReYSh, e o arcano 20 do Tarô ajudam a entender o significado do século XX: ReYSh representa a cabeça e a consciência, discernimento, plenitude psíquica, espiritual, totalidade, cume, pináculo, auge, e também essência, origem, base, fundamento; e a carta 20 se chama o Julgamento, o Juízo Final, a Ressurreição das almas, o Retorno. Em outras palavras, isso quer dizer, o baixo e o alto, o início e o fim etc. Lembremos que ReShYTh é o princípio a que alude o livro do Gênesis/Be'REShYTh. Pois bem: chegou o tempo do fim e do recomeço, chegou a hora de encerrar o ciclo, de fechar o tempo. É tempo de colheita na seara dos conhecimentos, de visitar a vinha, e pisar o lagar, e de trilhar os grãos, e separar o trigo do joio, e preparar, com amor e raiva, a poesia do novo tempo e do novo mundo, o pão espiritual do banquete messiânico. "Pão excrementício/ generosíssimo banquete/ de humildes vermes". É tempo de retorno ao princípio.

Estou falando do princípio único de todos os seres e coisas, localizado no centro de nosso ser, no âmago de nossas entranhas, onde se entra no descanso do Criador, na alcova de nosso Esposo. Eis o lugar onde é possível alcançar a alegria e a paz. Mas só através da prática da justiça, que consiste em atos e obras beneficentes no interior do templo, no antro da rocha dorsal. Esses atos e obras são lavagens diárias, unções e lubrificações com óleos, cremes e pomadas, além de massagens ocasionais, em dias e horas propícios. Esses momentos especiais seriam a madrugada (mormente as duas horas iniciais), o sábado, a lua nova, a primavera etc. Mas louvar, bendizer e glorificar o sacrossantíssimo buraquinho, com sinceridade e fé, também são atos de justiça; e isso pode e deve ser feito em qualquer tempo e em qualquer lugar. Com suas apostolices, Paulo e Pedro, fundadores da Igreja católica, achavam difícil e inconveniente falar disso. Conforme diz Isaías 51:1, quem procura a justiça e deseja ser justo, deve voltar-se para "a rocha" em que todos fomos "esculpidos" e para o "buraco do poço" onde fomos "perfurados". Embora não se referisse a tal lugar e a tais coisas, o apóstolo Paulo admite que Deus escolheu para si as coisas loucas, fracas, infames e desprezíveis, isto é, vergonhosas, em detrimento do

supostamente bom e excelente (I Coríntios 1:27,28). Ora, Deus sabe o que faz; e se escolheu as nossas vergonhas é porque elas devem ser para Deus o que temos de melhor. Com toda a sua pudicícia santarrona, Paulo achava difícil explicar os fundamentos da justiça divina, que consiste basicamente em alegrar as entranhas, através do erotismo anal, em determinadas circunstâncias.

Este é o tempo do Juízo, do Julgamento e da Justiça. Mas a justiça divina implica em algo bem diverso do que entende o senso comum. Uma breve análise da palavra justiça, em hebraico, TzédéQ, pode nos ensinar o que é que Deus quer e exige de nós quando nos pede que pratiquemos a sua justiça. TzédéQ compõe-se das letras TzaDY (que vale 90), DáLeTh (4) e QoPh (100), cujos valores somam 194. Lidas individualmente, e de trás para a frente, estas letras informam que a justiça divina é: a lei, isto é, as normas ou regras (QoPh) da porta, ou da terra, ou da porta da terra (DáLeTh) do ocidente, do poente, ou do traseiro (TzaDY). O matemático Georges Ifrah, no livro *Os números*, informa que, em árabe, noventa significa o ânus, o traseiro. Árabes e hebreus são filhos do mesmo pai, farinha do mesmo saco. E como é que se pratica essa tal justiça divina? Eis a resposta que encontrei: somando os algarismos de 194, obtemos 14, número da palavra YáD, que significa mão e pênis, entre outras coisas. E assim aprendemos que com o pênis ou a mão podemos colocar em prática a justiça divina. No Tarô, o 14º arcano apresenta uma figura que, segurando com as mãos dois recipientes, verte um fluído de um a outro. E assim percebemos que essa justiça implica também na transferência ou transfusão da substância ou essência vital de um a outro vaso, isto é, de um corpo a outro. Por fim, o número 14 é redutível a 5, que significa contemplar, fazer alegria, provocar prazer e contentamento. 5 e 14 são números sensoriais, sensuais, eróticos. E eis que temos 5 dedos em cada mão, ou 10 prestimosos caralinhos ao nosso dispor. Assim sendo, fazer justiça com as próprias mãos pode ser algo bem diferente do que pensa a maioria das pessoas. Mãos à obra, minha gente!

Quem ainda pensa que exagero corra ao *Dicionário de hebraico-português*, o de Rifka Berezzin, p. ex., e verá que ÉTzBa' designa ao mesmo tempo o dedo e o

pênis, apesar de ser substantivo feminino. Todos sabem que o dedo anular ou anelar é aquele em que enfiamos o anel, ou que enfiamos no anel. Contudo, embora todos os dedos sejam, como digo num poema, “aios do Senhor dos Exércitos”, os mais apropriados para a prática da justiça sagrada, divina, seriam o médio e o indicador, que representam a vitória, simbolizam a justiça e o consórcio entre o Pai e o Filho. É por isso, creio eu, que aparecem erguidos, na forma de V, em certas figurações artísticas de Jesus Cristo. Fontes astrológicas associam o dedo médio ao planeta Saturno, e o indicador a Júpiter, e asseguram que uma conjunção desses planetas, tradicionalmente relacionados à justiça, teria presidido o nascimento de Jesus Cristo, o Rei da Justiça. Certas passagens bíblicas dizem que a prática da justiça garante a vitória sobre a morte. Vide Provérbios 10:2; 11:4.30; 12:28; Isaías 25:8; Ezequiel 18:21,22 etc.

Conforme já disse, a função maior da poesia, ao menos para mim, é a salvação do corpo e da alma. Reinaldo Santos Neves, romancista capixaba, apresentando a minha coletânea *Eis o homem*, publicada em 87, observou que eu, como um desses fanáticos religiosos, acredito ferozmente na poesia até como possibilidade de redenção humana. Por que não? Da poesia, da imaginação poética, nasceram as grandes religiões, e as crenças se alimentam de poesia. No banquete messiânico, o pão e o vinho espiritual, que nos vêm dos céus interiores, é o Verbo que se manifesta para saciar e alegrar os que têm fome e sede de justiça e verdade. Símbolos religiosos não deixam de ser metáforas poéticas.

O que somos, de onde viemos, para onde vamos? Penso que merda é uma boa resposta para essa tríplice questão. A Bíblia diz que viemos do pó, do barro, do húmus da Terra. Sempre associei a imagem do cocô mole, com a do barro e da lama. Aliás, é comum o nosso povo referir-se ao coito anal como o socar ou amassar o barro. Uma adivinha popular nagô ensina que a Terra é o vasto excremento de Olorum, o Deus Supremo, e que ele cobre a sua bosta com uma vasta folha, isto é, o céu (ver *Os nagô e a morte*, de Juana Elbein dos Santos). Entre maio e junho deste ano, voltando a meditar sobre a expressão que inicia a Bíblia, Be'REShYTh, finalmente encontrei a confirmação definitiva da santidade

do nosso catिंगoso, idéia central do livro *Bundo*. Tornou-se assim mais forte a minha convicção de que Deus se confunde com o ânus, o cóccix, o sacro, e que a merda representa a matéria-prima da criação do Universo, como já dissera a Trevisan, no final de 96. Creio que a ciência poderia descobrir a explicação e a solução de várias questões difíceis a respeito das origens do Universo e dos seres vivos, estudando essa área do corpo. Tenho imaginado o Universo como um imenso ser vivo, e o seu corpo como o vasto corpo de Deus, dotado, à imagem e semelhança de suas criaturas, de um eixo vertebral, de um centro coccígeo e de algo, semelhante a um buraco negro, ou branco, que só poderíamos considerar como o buzanfã do Senhor do Universo, de onde todos os seres e coisas vieram, provavelmente através de uma cagada ou de um peido, tanto faz. Esse peido seria o big-bang.

Não só a Terra, mas todos os corpos celestiais, e todos os seres e coisas, devem ter surgido do cocô de Olorum. A Bíblia confirma e esclarece o pensamento nagô e vice-versa: a expressão hebraica Be'REShYTh, que inicia e nomeia o primeiro livro da Bíblia, o Gênesis, e normalmente se traduz como "no princípio", sendo um advérbio de tempo, e também de lugar, levou-me, entre outras, às seguintes perguntas: Que lugar é este? Como é, e onde fica tal lugar? Permutando as seis letras desta expressão (BeYTh, ReYSh, ÁLePh, ShYN, YÓD, ThaV), por um método cabalístico chamado TheMURáH, que não deixa de ser um divertido jogo anagramático, obtive numerosas respostas para as minhas indagações. Que lugar é este? Be'ER = poço, cisterna; ShYTh = fosso, poço, ou seja: "buraco do poço". BYRÁ = poço, cisterna; SheTh = traseiro, nádegas, isto é: "poço traseiro", "cisterna dorsal". ShYTh RaBÁ: poço, buraco grande, grandioso, importante; TháEY BáSáR (leia-se BáÇáR): cubículo, aposento, antro da carne, do corpo, do alimento; TháEY SéVÉR: cubículo, aposento, antro da esperança, da fé; Be'ERoTh ShaY: poço, cisterna da graça ou dádiva, doação; YáTheR Be'OSh: excesso, saturação de fedor ou catinga; ShéVéTh RÁY: repouso, descanso ou permanência dos excrementos, das fezes. Se para alguns este é BaYR ou Be'Er Se'ETH, o poço do vigor, da força ou elevação, da dignidade ou majestade, para a grande maioria é BaYR ou Be'ER SheETH, o poço da ruína ou desgraça. Para mim, é Be'ERoTh

YeSh, o poço da substância ou seiva ou essência do ser e da realidade, e também BaYTh ou BeYTh OShéR, isto é, o palácio ou templo da bênção e da felicidade. Enfim, é o lugar próprio para servir, cultuar (SheReTh) com o falo ou dedo (Y) o Pai, o Mestre, o Criador, os antepassados, os ancestrais, a fonte, a origem (AV).

O *Dicionário de símbolos*, de Chevalier, J. e Gheerbrant, A., informa, no verbete cauda/rabo, que toda a força e todo o vigor do animal estão concentrados na cauda; em outro passo, no verbete Plutão, afirma, citando Jung, que o homem civilizado ainda arrasta atrás de si a cauda de um sáurio, e sugere que aí busquemos o nosso dragão interior e nos apossemos de nossos tesouros e riquezas ocultos, secretos, para a nossa realização espiritual. O problema é que Jung é suspeito para falar do assunto; a psicologia junguiana, embora pareça o contrário, é um verdadeiro canto de sereia: confere demasiada importância e autonomia ao mal, ao inconsciente e seus obscuros figurantes, e assim magnifica o dragão ou a besta, restando ao herói poucas chances de vencer as entidades maléficas que o dominam e reconquistar o seu centro sagrado e a sua integridade divina. A luta contra o dragão, que não deixa de ser uma luta de cada um consigo mesmo, eis como a vejo neste poema: "Com vara no lombo/ eu te repreendo// com pau na cacunda/ te amanso e prendo// com bordão de ferro/ te controlo e venço// grimpado em teu dorso/ te cavalgo e guio// no rumo que penso". Noutro poema, assim descrevo o herói, suas armas e metas: "Ele tem uma vara de ferro/ com a qual apascenta as feras/ e pisa o lagar da ira./ Ele tem uma espada na boca,/ terrível, pesada, certa,/ para matar Leviatan,/ o dragão da mentira./ Seu nome é Palavra de Deus". E vaticinando o triunfo sobre a Besta e os bestas, declaro neste micropoema: "PELO RABO/ FISGUEI/ O LEVIATAN".

Observemos na Bíblia que dos animais sacrificados a cauda é consagrada e ofertada a Deus (Levítico 3:9, 7:3 etc.). Engraçado é que, em minha infância, sem saber que Deus tem suas preferências culinárias, quando a minha mãe matava galinha, eu sempre lhe pedia: quero comer o sobreco. Eu diria que, sendo mais velha que o homem, é a sua cauda que o carrega. É o rabo que nos abana.

E abona ou desabona. Um antigo pensamento chinês diz que o mais potente telescópio dirigido para o mais remoto ponto do Universo nos mostraria o nosso traseiro. Seria o meu pensamento uma doutrina regressiva? Claro; eu sou o homem das cavernas. Aliás, como disse Eliot: “E no fim de toda a nossa busca/ Chegaremos aonde começamos/ E conheceremos o lugar pela primeira vez”. Em outras palavras: “In my beginning is my end”. No apócrifo *Evangelho de Tomé* consta que os discípulos disseram a Jesus: “Dize-nos como será o nosso fim”. Eis o que teria dito o mestre: “Vocês já descobriram o princípio para desejarem saber como é o fim? Pois onde está o princípio, aí estará o fim. Feliz aquele que se coloca no princípio; ele conhecerá o fim e não provará a morte”. Em *Ultimatum*, poema inédito, afirmo: “o meio o meio o meio/ é o princípio e o fim// meia meia meia/ NÃO/ o meio o meio o meio/ SIM”. Adiante esclareço: “Não o meio ambiente/ nem o meio social./ Não fora, mas dentro/ de todos os bestas/ no centro vital/ o alfa & ômega/ o álef & tau” etc.

Em hebraico, a importância fundamental do cóccix é bem evidente entre os vocábulos cognatos que se seguem. GÉRÉM (leia-se GuÉRÉM) significa osso e corpo celestial, e Ge’RaM (G’RAM) é causa, motivo. ‘ÁTzéh é cóccix, anca, traseiro, e ‘ÉTzém é osso, substância, essência. Outra palavra, LUZ, designa o cóccix e o centro da imortalidade, e LOZ significa posto à parte, segregado, reservado, referindo-se ao sagrado. De tudo isso e muito mais fala este poeminha: “Mundo cão/ osso da alegria/ única ração”. Em curiosa luta com Jacó (Gênesis 32:23-33), o anjo apertou-lhe a junta da coxa, no ponto onde se inicia o nervo ciático, e o machucou ali, assinalando o lugar sagrado para as futuras gerações. Para ter a certeza de que o seu escravo atenderia a uma exigência, Abraão pediu-lhe: põe a tua mão debaixo de minha coxa, para que eu te faça jurar pelo Deus dos céus e Deus da terra... (Gênesis 24:2ss). Também Jacó, antes de morrer, pede a José, seu filho mais querido, que lhe ponha a mão no sacrossantíssimo lugar (Gênesis 47:29-31). Em hebraico, e principalmente na Bíblia, não raro, a palavra coxa é eufemismo para bunda ou lombo ou quadril ou anca, e as palavras pé, mão e braço são eufemismos para o pênis.

Arrolando 212 sinônimos de bunda, no Brasil, contra os 200 sinônimos de neve – que é a coisa mais importante do mundo, para os esquimós, Sérgio Augusto, na revista *Bundas*, n. 1, assim conclui a competição: “Espero que agora os esquimós saibam o que é realmente importante neste mundo”. Pois bem: em apenas uma palavra, ou melhor, uma expressão hebraica, Be’ReShYTh, advérbio de lugar, que inicia a Bíblia, e cuja tradução mais comum é “no princípio”, já encontrei umas 230 derivações anagramáticas, que revelam o que é, como é, e onde é que fica tal lugar. Todas as descobertas reafirmam a primazia divina do fedegoso e suas adjacências. Isto mesmo: para o espanto geral, a Bíblia e a língua hebraica ensinam que o ânus, as nádegas, o cóccix, enfim a área do chacra muladhara, é o princípio, o meio e o fim de toda manifestação. Além do que já falei, descobri outras coisas interessantíssimas na cultura nagô, que confirmam a minha visão do sagrado. Sabendo que o assentamento do orixá fica numa pedrinha, chamada otá, a qual é o próprio orixá materializado (tal como na Bíblia, que afirma ser o Deus do rochedo o próprio rochedo, cf. Deuteronômio 32: 4.15.18.19.30-34; Salmos 18:31; 28:1,2; 78:35; 144:1), alegrei-me ao perceber que, no ritual de invocação dos mortos, o sacerdote empunha uma vara, com a qual bate em dois montículos de Terra, chamados Onilê e Imolê, para invocar os espíritos, que saem de um buraco na Terra. Aliás, tanto os espíritos dos mortos quanto os deuses, quando invocados, vêm das entranhas da Terra, sendo este o endereço da morada do próprio Deus Supremo, Olorum. Esses montículos são evidentemente os mesmos montes gêmeos da montanha Kaph, Mashu etc. Enfim, trata-se da montanha sagrada de vários povos e culturas. Para mim, essas imagens são metáforas e símbolos para os glúteos.

Estudando o livro *As lendas da criação e destruição do mundo* (como fundamentos da religião dos apapocuva-guarani), de Nimuendaju, e o livro *Terra sem mal*, de Hélène Clastres, que fala sobre o profetismo tupi-guarani, observamos que a terra prometida, o suspirado paraíso dos guarani, chamado Terra sem mal, é situado pelos seus profetas ora a oeste, além das montanhas, ora a leste, ora no centro da Terra etc. Mas parece que ninguém sabe o endereço correto desse locus amenus. Dizem todos que para se chegar até lá é preciso

transpor um certo mar terrível. Então, pensei: mar terrível, montanhas ocidentais, centro da Terra... Conheço este filme! Todos os lugares ou centros ditos sagrados remetem sempre ao mesmo e único lugar sagrado que existe e está, graças a Deus!, em nosso próprio corpo. Note-se que, em guarani, oeste se diz nhandeucepepy ou yandecupepy, que significa: em nosso traseiro, em nossas costas; em hebraico, YÁM designa o mar e o oeste, YeM é fonte de água quente, e YÁMYN é lado direito ou mão direita, e designa a destra sagrada, que corresponde ao traseiro, às costas, enquanto a sestra ou mão esquerda corresponde ao rosto, isto é, à frente do corpo. Tal correlação entre o pensamento hebraico e guarani revela uma cosmovisão antropomórfica, e confirma a lição hermética que reza ser o superior espelho do inferior, e que o microcosmo, isto é, o nosso corpo, contém e está contido no macrocosmo, isto é, o grande corpo de Deus. Assim como a semente contém a árvore e a floresta, o Filho contém em si o seu Pai, e pode dizer: Eu e o meu Pai somos um. Por isso, Jesus disse que o reino dos céus está no meio de nós, e que somos deuses, embora exortasse à busca da perfeição.

Pierre Clastres, em seu livro *A fala sagrada – mitos e cantos sagrados dos índios guarani*, demonstra a grande importância que as nádegas têm para esse povo. Tão grande é a importância da bunda para eles, que, ao nascer uma criança, fala-se que alguém “proveu-se de assento”, ou que uma alma “dotou-se de nádegas”; além disso, a imagem estilizada do terrível jaguar esculpida num pequeno banco de madeira, isto é, um assento, que é reservado exclusivamente para o assento dos sacerdotes e sábios, isto é, para a acomodação de suas venerandas bundinhas, reafirma as relações entre o sagrado, o segredo, o segregado e o medonho, terrível, perigoso etc. Para os guarani, o nome e a imagem podem concretizar e tornar presente o nomeado e representado. E para eles o jaguar representa ao mesmo tempo o sagrado, o terrível, o apavorante e perigoso. O jaguar azul e o morcego eterno são os animais que guardam a morada de Deus. Até foneticamente o jaguar/yawa está bem próximo da divindade suprema Namandu/Yawandu. Esse autor também fala de uma certa rocha fendida, Ytayrapy, que está associada a uma iniciática prova de coragem;

o curioso é que se trata de uma rocha viva, cuja fenda abre e fecha, continuamente, e pela qual devemos passar. Arriscando-se a ser esmagado e destruído, quem por essa rocha passa é reconhecido como verdadeiro filho de Deus, passando a desfrutar de uma proximidade maior com o Nosso Grande Pai e de certas regalias divinas. Como se tudo isso não bastasse, descobri, bem recentemente, que os guarani acreditam num Espírito da Montanha, chamado Rudá (que é também Gorak ou Sumé para outros povos indígenas brasileiros). Deus do amor e da vida, e um dos mais importantes na hierarquia teológica dos índios, Rudá é responsável por toda a biodiversidade e pela harmonia entre os seres vivos, inclusive os humanos.

Reportagem do jornalista Rogério Medeiros, publicada em 4/9/99, pelo jornal *A Gazeta*, de Vitória, informa que, pelo quarto ano consecutivo, Tupã-Kwaray, pajé guarani, sobe os píncaros da Serra do Caparaó, entre ES e MG, para tentar falar com o Deus da montanha. Pajés de várias tribos o acompanham, dão a maior força, torcem por ele. Mas, até agora, todos os esforços têm sido em vão. Para eles, a culpa do fracasso é dos brancos, que vêm até de outros países, para acompanhar de perto a almejada entrevista. Tupã-Kwaray é neto de Tatanti-Roua-Reté, uma líder espiritual guarani, que teve sonhos e visões do Espírito Santo, como sendo a Terra sem mal, que o seu povo há séculos procura em vão. E foi através do livro *Espírito Santo: maldição ecológica*, do mesmo Rogério Medeiros, lido no final dos anos 80, que passei a conhecer a saga do povo guarani em busca da sua Terra sem mal. Com todo o respeito, sugiro ao pajé Tupã-Kwaray, que medite profundamente sobre o significado do seu próprio nome, antes da próxima aventura em busca da Terra sem mal. Na língua dos guarani, Tupã significa Deus, e Kwaray significa buraquinho. Nesta altura da vida, tendo lido mais do que o necessário para aprender o essencial, posso afirmar que todos os povos têm um só Deus, com nomes diversos, e que, infelizmente, o mundo está cheio de profetas de araque e de poetas de equê, que desconhecem o segredo da Palavra sagrada e do Nome secreto, Nomenum, Almolume, que, entre lama e limo, relume em nosso imo. Toda essa procura inútil do povo guarani, todo esse afã, me dá a triste impressão de que os profetas há muito

perderam a arte e a ciência das belas palavras, das palavras emplumadas (linguagem dos pássaros ou deuses), isto é, a arte poética, e já não conseguem mais entender o que dizem as metáforas, os símbolos, isto é, a linguagem do sagrado. Não conseguem mais ver a relação, a ligação entre o literário e o literal, entre o imaginário e o real, entre o abstrato e o concreto, e assim todos andam perdidos na maranha da fantasia poética, na silva de metáforas e símbolos, e não lembram mais que a saída é para dentro, e que o corpo é a Terra e o Céu, e não sabem mais as regras, as normas de aperfeiçoamento que nos reconduzem à posse de nossa divindade. Note-se que a pidança ritual dos índios guarani, isto é, a reivindicação de novas regras ou normas para se alcançar a Terra sem mal, só pode significar que as antigas normas foram perdidas ou esquecidas ou já não funcionam mais. Também me parece óbvio que a necessidade de regras de aperfeiçoamento do corpo demonstra que o corpo aperfeiçoado é a própria Terra Sem Mal.

Todas estas revelações constituem o que se poderia considerar uma linguagem sagrada, perdida ou esquecida, ou desprezada e evitada pelas conveniências. Pode ser a própria linguagem dos anjos e deuses dos tempos adâmicos. Não deixa de ter vínculos com o tal amor que não ousa, ou melhor, não ousava dizer o seu nome. De qualquer modo, tudo isso tem a ver com o fato de que, em hebraico, HaSheM, isto é, o Nome, cuja pronúncia é perigosa e ameaça a ordem do mundo, é anagrama de ShaMaH, que significa ali, lá, como advérbio, e, como substantivo feminino, designa assombro, surpresa, horror, calamidade, ruína. HaSheM e ShaMaH identificam-se com DaVaR, a palavra, o verbo, e DeViR, o recinto secreto, sagrado e segregado do templo, que é uma representação do cóccix e da área sacrococcígea. Daí aquela onda da palavra perdida ou esquecida ou desconhecida ou proibida, e dos perigos da pronúncia do nome impronunciável (talvez por ser tabu, infame, indecoroso, aquelas bobagens machistas, sexistas). Estou me referindo ao Santo dos santos, o Céu dos céus, localizado na região que abrange o sacro, o cóccix, o ânus, as nádegas - isto é, o chacra muladhara, o centro energético principal, fundamental do corpo. Esta é a palavra esquecida ou escamoteada e negada pelos

enganadores, que não desejam a libertação ou salvação do ser humano, sendo portanto os maiores responsáveis pela injustiça ou iniquidade que grassa no mundo.

Conforme digo no intróito de *Transpaixão*, acredito piamente que descobri a palavra mágica, e encontrei a palavra perdida, a palavra sagrada, o nome secreto, o Nomenume, o Almolume, e que nada me impede e nem a ninguém a sua anunciação, apesar de Borges e do Imperador Amarelo. Também Eliot parece ter procurado essa palavra, como se lê, em tradução de Idelma Faria: “Onde será encontrada a palavra, onde a palavra/ ressoará? Não aqui, não há bastante silêncio/ Não no mar, não nas ilhas e não/ Nos continentes, no deserto ou na região da chuva.”, diz o poema Quarta-feira de cinzas. Como se vê, para Eliot, poeta católico, todos estão irremediavelmente perdidos, e são indignos de salvação, pois não podem encontrar e tampouco ouvir a Palavra. No entanto, contrariando as expectativas, eis que encontrei e proclamo a Palavra bendita, e a ofereço a todos, cães e porcos, correndo o risco de que a desprezem e me agridam; eis que me atrevo a pronunciar, à minha maneira, bem ou mal, o nome do troço, da coisa, da loisa, o Nome dos nomes, o Nomenume; e com todas as palavras digo o inefável, o indizível, o interdito. Fodam-se todos: o Santo dos santos, o Céu dos céus, o lugar sagrado, segregado e secreto, por excelência, é o sacro, é o centro zigurático ou piramídeo do cóccix, é o oco de nosso buraquinho, é o rabo de todos os bestas. Com seus 200 e tantos sinônimos de bunda, o povo brasileiro parece intuir esta verdade maior, e certamente não a desdenha. Por tudo isso, eis que, trepado em riba daquele monte, onde amarrei o meu jumento, daqui, from HIGH BRAZILIAN ROCKS, conclamo e exorto todos os povos à comunhão com o Deus vivo: “Nações do mundo inteiro,/ eis o meu canto:/ é tempo de alegria, de brincar/ no monte santo.”

Guananyra, Ywymarãey, Ho Brasile - Primavera de 1999

Observação: as palavras hebraicas aqui usadas, foram reproduzidas conforme aparecem nos dicionários. Nas construções frasais, não me preocupei com regras de gramática e sintaxe hebraica. Sigo as leis da analogia combinatória, onde os elementos se organizam de modo a terem coerência, harmonia e sentido.



Página inicial do site de Waldo Motta, em que se encontra a versão revisada da palestra “Enrabando o capetinha ou o dia em que Eros se fodeu”, do autor. Abaixo, capa do livro organizado por Celia Pedrosa e página inicial do mesmo texto.

